

TÉCNICAS PARA O ENSINO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM AUTISMO

Jully Leite ¹
Phagner Ramos ²

RESUMO

As habilidades sociais se referem a diferentes competências e comportamentos sociais que contribuem para uma relação saudável com outras pessoas. Estas são importantes durante todo desenvolvimento humano, sendo a infância a fase propícia para a aprendizagem destas. As crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo, apresentam déficits nesta área. Neste contexto, o transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta a comunicação e a interação social, podendo apresentar interesse restrito e comportamentos repetitivos. Partindo desta definição de autismo e entendendo que as crianças com TEA terão um déficit nas habilidades sociais, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar quais as técnicas são estudadas no Brasil para intervir nas habilidades sociais em crianças com autismo. A pesquisa se desenvolveu a partir de uma revisão integrativa de literatura, a base de dados utilizada foi a Plataforma de Periódicos CAPES, foram incluídos os artigos publicados nos últimos dez anos, escritos na língua portuguesa e realizados com crianças diagnosticadas com autismo. Foram analisados três artigos e os resultados mostraram que estão sendo estudadas histórias sociais, reforçamento diferencial, educação musical e psicodrama como estratégias para desenvolver as habilidades sociais em crianças com autismo. As histórias sociais, reforçamento diferencial e educação musical apresentaram bons resultados em um curto período de tempo. As limitações encontradas foram em relação a generalização destas técnicas pelo número da amostragem de participantes ser pequeno.

Palavras-chave: Psicodrama, Histórias Sociais, Reforçamento Diferencial, Educação Musical.

INTRODUÇÃO

As habilidades sociais referem-se a um conjunto de comportamentos que são emitidos durante uma interação com o outro (Del Prette; Del Prette, 2013). Desta forma, pode-se citar exemplos destas, como iniciar e manter conversas, fazer e responder perguntas, cumprimentar e/ou responder a cumprimentos, expressar sentimentos, manter contato visual, escutar, entre outras. Diariamente as crianças são expostas às interações sociais, sejam na família ou na escola. Em todas estas situações as interações sociais estarão presentes, assim como os desafios, e por isto a criança precisa desenvolver estas habilidades. Segundo Del Prette e Del Prette (2013, p.16) “um repertório bem elaborado

¹ Bacharela em Psicologia pela Uninassau Garanhuns, jully.leite1@gmail.com;

² Doutorando em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, phagner.ramos@ufpe.br;

de habilidades sociais contribui decisivamente para relações harmoniosas com colegas e adultos na infância.”

Neste cenário, alguns transtornos mentais podem apresentar como características dificuldades nas relações interpessoais e um repertório empobrecido de habilidades sociais. Com estas características pode-se citar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tem como característica principal para o diagnóstico prejuízos na interação e comunicação social. Segundo o DSM-V-TR (APA, 2023), o TEA refere-se a um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na interação social e na comunicação social, apresentando padrões restritos e/ou repetitivos de comportamentos que se apresentam logo nos primeiros anos de vida.

Algumas abordagens da psicologia têm se dedicado a estudar o campo teórico e prático das habilidades sociais e as possíveis formas de intervir nesta área do desenvolvimento humano. Sabendo da possibilidade de ampliar o repertório das habilidades sociais, utilizando técnicas das abordagens psicológicas, esta pesquisa visa responder a pergunta problema “Quais técnicas estão sendo estudadas no Brasil para intervir nas habilidades sociais de crianças com autismo?”

O objetivo geral desta pesquisa é investigar na literatura especializada quais as técnicas estão sendo estudadas no Brasil para intervir nas habilidades sociais de crianças com autismo. Como objetivos específicos, este trabalho pretende definir o que são habilidades sociais, identificar na literatura disponível as técnicas utilizadas no ensino das habilidades sociais e analisar as técnicas encontradas relacionando-as com os tipos de habilidades sociais e sua eficácia no caso de crianças com autismo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolveu por meio de uma revisão de literatura integrativa, segundo Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103) “a revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto.” Sendo assim, este trabalho buscou sintetizar as técnicas usadas no Brasil para o ensino das habilidades sociais às crianças com autismo.

A base de dados usada foi a plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os descritores utilizados foram

habilidades sociais, comportamento social, crianças e autismo, combinados com o operador booleano AND.

As buscas foram realizadas no mês de setembro de 2023, os critérios de inclusão tiveram como base a escolha de artigos publicados em português, pesquisas realizadas com crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo, estudos interdisciplinares, realizados entre os anos 2013 e 2023. Os critérios de exclusão foram revisões bibliográficas, estudos com pais, voltados para avaliação, repetidos, em outro idioma e fora da temática.

Utilizando a combinação dos descritores habilidades sociais, crianças e autismo foram encontradas a amostra inicial de 48 estudos, após a aplicação dos critérios de exclusão foram selecionados 7 artigos para leitura na íntegra. Com os descritores, comportamento social, crianças e autismo, foi encontrada uma amostra de 90 artigos e selecionados para leitura completa 6 artigos. Somaram-se 13 artigos para leitura na íntegra, após leitura foram selecionados 3 para análise e discussão dos resultados.

Figura 1 – Fluxograma das etapas de busca dos artigos na base de periódicos (CAPES)

IDENTIFICAÇÃO	Nº
Base de dados CAPES	138

TRIAGEM	Nº
Selecionados Para Triagem	138
Excluídos pela temática	74
Excluídos por ser Revisão Bibliográfica	09
Excluídos por Duplicidade	10
Excluídos pelo idioma	24

ELEGIBILIDADE	Nº
Selecionados para ler o resumo	21
Excluídos após leitura do resumo	08
Selecionados para leitura na íntegra	13

INCLUSÃO	Nº
Selecionados após leitura na íntegra	03

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

REFERENCIAL TEÓRICO

Habilidades Sociais

Para estudar o campo teórico e prático das Habilidades Sociais (HS), é relevante compreender a definição de Habilidades Sociais e Competência Social, apesar de sua relação, elas não possuem o mesmo significado semântico. Sendo assim, Del Prette e Del Prette (2017) definem as habilidades sociais como categorias de comportamentos sociais que apresentam características específicas, como comportamentos que são valorizados em determinada cultura, com resultados apropriados para o indivíduo e que colabora para um desempenho socialmente competente. Enquanto a competência social diz respeito à avaliação do desempenho, se aquele comportamento atende aos objetivos ou não da situação interpessoal e cultural ao qual o indivíduo está inserido.

É relevante falar que as habilidades sociais vão variar de cultura para cultura e o ambiente que a pessoa está inserida, por isso Caballo, (2003, p. 03) enfatiza que “a habilidade social deve ser considerada dentro de um contexto cultural determinado, e os padrões de comunicação variam de forma ampla entre culturas e dentro de uma mesma cultura, dependendo de fatores como idade, sexo, classe social e educação”. Então não haverá uma única forma correta de se comportar diante das demandas sociais, mas irá existir uma variação, a depender do contexto que a pessoa está inserida.

Habilidades Sociais na Infância

Desenvolver as habilidades sociais é necessário para manter relações interpessoais mais assertivas e viver em sociedade. Del Prette e Del Prette (2013, p. 16) pontuam que “um repertório elaborado de habilidades sociais contribui decisivamente para relações harmoniosas com colegas e adultos na infância”. Crianças com o transtorno do espectro autista irão apresentar dificuldades de agir em diferentes tipos de situações sociais e tendem a ter poucas oportunidades de aprendizagem no cotidiano, tornando-se necessário um acompanhamento profissional, para desenvolver o repertório de habilidades.

A socialização sempre estará presente no dia a dia das crianças, por exemplo, desde o nascimento, a criança já tem interação com seus cuidadores e necessitam desses cuidados para sobreviver.

Sabemos que o ser humano é, antes de tudo, um ser social. Busca, desde pequeno, fazer amigos, agregar pessoas à sua volta e dividir momentos e experiências. É através da socialização que o indivíduo aprende as regras e os costumes da sociedade em que habita (Silva, Gaiato e Rveles, 2012, p. 10).

Ter um repertório de habilidades sociais bem elaboradas pode ajudar a criança em diversas situações sociais. Del Prette e Del Prette (2013, p. 17) afirmam que “a competência social na infância vem sendo vista como um dos fatores de proteção para um desenvolvimento satisfatório, porque aumenta a capacidade da criança em lidar com situações adversas e difíceis”. Crianças com um repertório social habilidoso, irão apresentar maiores chances de superar as dificuldades sociais, quando estas possuírem um custo emocional para elas.

Classificação Diagnóstica do autismo

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta como características principais déficits na socialização, comunicação e interesses restritos. Os critérios diagnósticos presentes no DSM-V-TR para diagnóstico do transtorno do espectro autista, a criança deve apresentar os sintomas ainda nos primeiros anos de vida. No eixo A e B deste manual trata-se de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos e padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2023). Então é possível relacionar as habilidades sociais com as principais características do autismo.

Abordagens Psicológicas no Ensino de Habilidades Sociais

Quando o ambiente não dá conta para o desenvolvimento saudável das habilidades sociais, os profissionais podem utilizar-se de técnicas e abordagens psicológicas para ensinar e aprimorar esses déficits, com o objetivo sempre de aumentar o repertório de habilidades sociais e generalizar para outros contextos, fazendo com que a criança consiga se aproximar do que é esperado naquela idade e buscando torná-lo autônomo para agir em situações futuras.

Neste cenário a psicologia vem desenvolvendo estudos que têm o objetivo de compreender o campo teórico e prático das habilidades sociais. Estabelecendo uma relação das habilidades sociais e o déficit na área da reciprocidade social, comunicação social, manter e desenvolver relações sociais que a criança com autismo apresenta, como os profissionais podem estimular essa área na criança com TEA. Uma forma de aumentar

as oportunidades de aprendizagem dessas habilidades é utilizando técnicas das abordagens psicológicas, estas vão dá ênfase a diferentes aspectos como sociais, cognitivo ou cognitivo e social.

Quando se pensa em intervir nas habilidades sociais neste público, busca-se desenvolver autonomia e possibilidades de interação em todos os aspectos da vida em sociedade. Segundo Tuchman e Rapin (2009, p. 301):

Os melhores tipos de intervenções para o transtorno do espectro autista, são aquelas, cujo objetivo é: 1) Ajudar os indivíduos com esse transtorno a adquirir habilidades funcionais e a concretizar seu potencial adequado; e 2) reduzir os comportamentos mal adaptativos que podem interferir no funcionamento adaptativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 2 – Tabela dos artigos selecionados

Autores	Título	Objetivo
Nascimento, Paulyane et al.	Comportamento de Crianças do Espectro do autismo com seus pares no contexto de educação musical	Teve como objetivo investigar os benefícios da educação musical ao desenvolvimento da interação social de crianças com seus pares, focando-se na qualidade e na frequência da apresentação de tais comportamentos.
Silva, M. C. da .Arantes, A. e Elias, N. C.	Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo	O objetivo deste estudo foi verificar os efeitos da apresentação de histórias sociais na aprendizagem de comportamentos adequados e na redução de comportamentos inadequados de crianças com TEA em sala de aula.
Costa, L. L. A., Diniz, F. C. de O. R. e Viana, S. M. J	Psicodrama com crianças dentro do transtorno do Espectro autista: uma experiência possível?	O objetivo foi discutir uma experiência psicodramática com uma criança de oito anos, diagnosticada com autismo.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

História social e Reforçamento diferencial

A pesquisa intitulada “Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo”, dos autores (Silva; Arantes; Elias, 2020). Investigou o uso de histórias sociais como uma intervenção para aumentar os comportamentos socialmente adequados e reduzir os comportamentos inadequados em sala de aula. A pesquisa se desenvolveu a

partir da apresentação de histórias sociais e uso de reforçamento diferencial na aprendizagem de novos comportamentos. Participaram dois meninos, identificados como C1 com nove anos e matriculado no segundo ano e C2 com seis anos, matriculado no primeiro ano, ambos no ensino fundamental, e estudantes de uma escola regular da rede pública. São oralizados e diagnosticados com o transtorno do espectro autista.

Foram selecionados para intervenção de C1 o comportamento inadequado de manipulação indevida de materiais e para C2 chamar a professora e fazer comentários em voz alta e o comportamento alvo era que eles realizassem as atividades propostas em sala de aula. Apresentou-se como resultado o aumento do comportamento alvo, foco da intervenção em ambos os participantes e diminuição de outros comportamentos considerados inadequados, como efeito do engajamento em repertórios adequados.

Nesta pesquisa os autores, tiveram como foco de intervenção as habilidades sociais acadêmicas. Del Prette e Del Prette (2013, p. 237) definem as habilidades sociais acadêmicas como “relações positivas entre competência social e rendimento escolar e se justifica também, pela constatação das demandas sociais envolvidas no processo de ensino-aprendizagem”. Na escola, além de lidar com a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos, a criança precisa saber se relacionar com os colegas e professores e a falta de um repertório adequado de comportamentos podem afetar diretamente na aprendizagem.

Essa relação é possível observar nos comportamentos de C1 e C2 quando eles manipulam materiais no momento que não é adequado, chamam a professora repetidas vezes, interagem com os colegas durante a realização das atividades propostas e saiam da sala. A emissão desses comportamentos impediam a realização das atividades acadêmicas e atrapalhavam seus pares, influenciando na aprendizagem deles.

As intervenções foram realizadas pela abordagem da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) que é uma ciência focada na aprendizagem de novos comportamentos, quando utilizada para o atendimento de pessoas com TEA, foca em promover o ensino de novas habilidades e a ajudar no manejo de comportamentos disfuncionais. A análise do comportamento aplicada (ABA) é

Uma abordagem da Psicologia que se caracteriza por uma visão de homem e de mundo que implica que muito do que fazemos (em termos de comportamento) é determinado pelos efeitos sobre o ambiente (consequências). Para o analista do comportamento, o ambiente desempenha um papel central na determinação do comportamento. Nosso repertório é composto principalmente por comportamentos que chamamos de operantes (incluindo os verbais) e que são modelados e mantidos por consequências (Matos, 2016, p. 25).

Por tanto, os comportamentos são emitidos pela relação estímulos, resposta e consequência. Nesse caso, o estímulo era a atividade, a resposta, inicialmente era os comportamentos problemas, por exemplo, fazer comentários em voz alta e fora do contexto, como consequência tinham a realização da atividade adiada. A função desse comportamento seria fugir da demanda em sala de aula.

Psicodrama

O artigo “Psicodrama com crianças dentro do transtorno do espectro autista: Uma experiência possível?”, dos autores Costa; Diniz; Viana, (2022) relata uma experiência de psicoterapia pela perspectiva do psicodrama com uma criança de oito anos, identificada como K. e diagnosticada com autismo. Seu acompanhamento durou 19 meses e aconteceu em uma clínica na cidade de Aracaju-SE.

Neste estudo as características apresentadas são “atraso na linguagem, padrões repetitivos e estereotipados de comportamentos, irritabilidade ou birra excessiva na execução das atividades cotidianas e dificuldades nas relações interpessoais” (Costa; Diniz; Viana, 2022, p. 5).

A abordagem psicológica utilizada como embasamento teórico neste atendimento foi o psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, utilizou-se técnicas dramáticas para explorar e transformar as relações humanas.

“Na perspectiva psicodramática, o adoecimento e a cura estão ligados às relações por nós estabelecidas e o ideal terapêutico é uma proposta de encontro existencial, sendo possível trabalhar relações adoecidas, através dos seus papéis, com o auxílio de recursos como jogos e técnicas de dramatização” (Lopes & Dellagiustina, 2017 apud Costa; Diniz; Viana. 2022, p. 2)

Nas primeiras sessões K. quase não interagia e a psicoterapeuta utilizou brinquedos e músicas improvisadas a partir do contexto de brincadeira, para formar o vínculo relacional e assim fez o aquecimento, a 1º etapa da sessão do psicodrama. Na fase de dramatização, K. demonstrou capacidade de criar cenas e atuar em cada uma delas (Costa; Diniz; Viana, 2022, p.8). Algumas atuações de K. tinham relação com conflitos vivenciados por ele em relação com sua família, na 3º fase o compartilhar, a psicoterapeuta estimulava diálogos, sobre comportamentos apresentados nas encenações.

Foram utilizadas as técnicas psicodramáticas como interpolação de resistências, espelho, cantodrama e treinamento de papéis. A partir da descrição das sessões é possível fazer relação das possíveis habilidades sociais trabalhadas a partir das técnicas psicodramáticas com as classes de habilidades sociais de Del Prette e Del Prette (2013, p. 42) como: lidar com sentimentos: reconhecer e expressar sentimentos; lidar com estresse: fazer e responder às queixas; autocontrole: responder apropriadamente a críticas, lidar

com conflitos; cooperação: ajudar os outros, compartilhar materiais, seguir regras e instruções.

Os autores deste estudo, destacam as mudanças observadas no comportamento e na expressão de K. Dialogam sobre os desafios e as possibilidades do psicodrama com crianças diagnosticadas com TEA, ressaltando a importância de respeitar o ritmo e a singularidade de cada criança, bem como estimular a espontaneidade e a criatividade como formas de ampliar o repertório relacional e comunicativo.

Educação musical

O estudo “Comportamentos de crianças do espectro do autismo com seus pares no contexto de educação musical”, dos autores (Nascimento, et al. 2015) teve como objetivo investigar os benefícios da educação musical no desenvolvimento da interação social de crianças com TEA em aulas de percussão em grupo.

Participaram duas crianças deste estudo, Alex com seis anos e Marcelo com cinco anos, ambos com diagnóstico de autismo, matriculados em escola regular da rede privada, na cidade de Belém do Pará. A coleta de dados para esta pesquisa aconteceu em uma escola de música, durante oito sessões.

Nesta pesquisa os autores enfatizam a importância da interação social de crianças, seja com adultos ou com pares, como fatores que contribui para o desenvolvimento infantil. Acrescendo a esta afirmação, Gattino pontua que “as atividades musicais podem contribuir nesse sentido porque incentivam a atenção e a imitação, que consistem nos pilares da comunicação e da interação social” (2015, p. 71). Quando há estimulação da comunicação e interação social, é possível que a criança se beneficie das relações sociais.

A partir das classes e subclasses de habilidades sociais propostas por Del Prette e Del Prette (2013) é possível fazer relação destas com os momentos de interação social estimulados em uma aula de educação musical. Nesse sentido, pode-se destacar as classes e subclasses de: Autocontrole e expressividade; Civilidade; Empatia; Assertividade; Fazer amizades; Solução de problemas interpessoais.

Neste estudo os autores observaram que “ambos os participantes, apresentaram interação social com pares, marcada por tendência ao aumento de iniciativas e respostas espontâneas e a diminuição de comportamentos não funcionais. Constataram ainda que apesar do relacionamento com adultos ser importante para o desenvolvimento das crianças, auxiliar integralmente a criança em atividades às quais ela já possui capacidade de realizar sozinha ou com pouco auxílio, pode impossibilitar seu avanço, bem como

restringir suas oportunidades de interação e geração de novos comportamentos com pares” (Nascimento et al, 2015, p.105).

Foi observado que os participantes tiveram uma diminuição nos comportamentos funcionais nas aulas analisadas e concluíram que o auxílio excessivo de adultos podem ter interferido na manutenção das interações sociais com outras crianças durante as aulas. Apresentaram a manutenção de comportamentos não funcionais, que podem ser promissores para interações mais assertivas destes alunos. Observaram ainda que os comportamentos funcionais marcados por estereotípias, tinham uma função comunicativa e de interação com seus pares naquele contexto. (Nascimento, et al. 2015, p. 105)

Diante do exposto, percebe-se a importância da educação musical como intervenção para o transtorno do espectro do autismo e como esta modalidade pode contribuir de forma significativa para a aprendizagem de novas habilidades, posto isso o autor Gattino afirma que a “Aprendizagem de habilidades sociais em diferentes contextos: a partir da música, podem-se vivenciar situações de cooperação e competição de maneiras socialmente aceitáveis.” (2015, p. 74). Dentre as limitações deste estudo, os autores citam a presença de diferentes adultos nas aulas e a baixa assiduidade dos participantes.

INTEGRANDO OS RESULTADOS

Aspectos Convergentes

Na análise dos três artigos pode-se citar como principal fator convergente a promoção da qualidade de vida dos participantes e aumento das habilidades sociais relevantes para a infância. A duração das intervenções foi elencado como importante na análise, destacando-se assim o uso de histórias sociais e educação musical que apresentaram resultados em um curto período de tempo. Estas são intervenções com foco comportamental e mais estruturada. Os três estudos foram realizados com um número pequeno de participantes e por isto citam como limitação à generalização dos resultados e diante da complexidade e singularidade do autismo, seria necessário uma amostra maior.

Aspectos Divergentes

Encontrou-se maior divergência entre o artigo que abordou o psicodrama como possibilidade de intervenção para crianças com autismo, em relação às técnicas de histórias sociais, reforçamento diferencial e educação musical. Pode-se citar como

principal diferença a duração das intervenções, pois enquanto o psicodrama teve duração de dezenove meses, os outros dois estudos duraram entre dois e três meses.

O psicodrama se diferenciou também por utilizar técnicas não estruturadas, ser uma abordagem que valoriza a espontaneidade, criatividade, sensibilidade e encontro com o outro, promovendo cuidado por meio das técnicas de dramatização. Enquanto as histórias sociais e educação musical utilizaram-se de uma abordagem comportamental e mais estruturada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo geral deste trabalho, investigar quais as técnicas são estudadas no Brasil para intervir nas habilidades sociais de crianças com autismo, acredita-se que o objetivo descrito foi alcançado. Não sendo possível verificar o objetivo específico de eficácia das técnicas encontradas, porque o número de participantes foi pequeno, necessitando de uma amostragem maior para falar sobre eficácia.

Um achado importante e que não se esperava durante a pesquisa foi o psicodrama como possibilidade da intervenção em crianças com autismo, esperava-se encontrar abordagens com foco comportamental. Como limitação desta pesquisa pode-se citar a escassez de produções brasileiras com essa temática, se há um aumento de casos de crianças com autismo, por que a literatura brasileira não está produzindo? Para futuros estudos na área de habilidades sociais e autismo, deixa-se a sugestão de expandir o número da amostra, com participantes de níveis variados de suporte, com pessoas falantes e não falantes, diferentes idades, sexo e cultura.

Por fim ressalta-se a importância de produções brasileiras relacionando habilidades sociais e autismo, sabendo dos déficits que estas crianças irão apresentar na área da socialização. E espera-se que a partir do aprimoramento das habilidades sociais as crianças com autismo possam participar ativamente da vida em sociedade, se beneficiem das interações sociais e principalmente que sejam respeitados em sua individualidade.

REFERÊNCIAS

APA - American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5.ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

COSTA, Luiza; DINIZ, Fernanda; VIANA, Sanches. **Psicodrama com crianças dentro do transtorno do espectro autista: uma experiência possível?** Revista Brasileira De Psicodrama (Impresso) 30 (2022): Revista Brasileira De Psicodrama (Impresso), 2022, Vol.30. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/cGy9mq8GPfT7gsWpYbg44Yy/?lang=pt&format=pdf>

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática.** 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico-prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GATTINO, Gustavo. **Musicoterapia e autismo: teoria e prática.** São Paulo: Memnon, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/CSGkCxtzFCHBMjMsnjvz3FK/?lang=pt&format=pdf>

MATOS, DANIEL (org). **Análise do comportamento aplicada ao desenvolvimento atípico com ênfase em autismo.** - São Luís: UNICEUMA, 2016.

NASCIMENTO, Paulyane; ZANON, Regina; BOSA, Cleonice; NOBRE, João; JÚNIOR, Áureo; SILVA, Simone. **Comportamentos De Crianças Do Espectro Do Autismo Com Seus Pares No Contexto De Educação Musical.** Revista Brasileira De Educação Especial 21.1 (2015): 93-110.

SILVA, Mirella; ARANTES, Ana; ELIAS, Nassim. **Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo.** Psicologia Em Estudo 25 (2020): **Psicologia Em Estudo**, 2020, Vol.25. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/Xk54pKzCmPVFPxpG68zsV7q/?lang=pt&format=pdf>

SOUZA, MT; SILVA, MD; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein (São Paulo). 2010; 8(1):102-106. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=en>

TUCHMAN, Roberto; RAPIN, Isabelle. **Autismo: abordagem neurobiológica.** Porto Alegre: Artmed, 2009.